

REBES REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO E SAÚDE



GVAAG - GRUPO VERDE DE AGROECOLOGIA E ABELHAS - POMBAL - PB
REVISÃO DE LITERATURA

O Grilo e a Cruz: Uma visão psicossocial do caráter do homem

Iluskhanney Gomes de Medeiros Nóbrega

Bacharela em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo e aluna do Curso de Especialização em Assessoria de Comunicação, ministrado pelas Faculdades Integradas de Patos (FIP)

Email: yluska.gmn@gmail.com

José Rivamar de Andrade

Professor, graduado em Letras e especialista em Língua, Linguística e Literatura pelas Faculdades Integradas de Patos (FIP)

Email: rivamar_andrade@hotmail.com

Resumo: Trabalho realizado no âmbito da análise comparativa, dando ênfase ao caráter de João Grilo do Auto da Compadecida, confrontando o mesmo com o de Jesus Cristo da Bíblia, visto que desde o Velho Testamento até o Novo Testamento, todos os livros remetem-se à sua pessoa. As comparações mostram que o comportamento dos personagens anda por caminhos diferentes, enquanto um leva à derrota, o outro leva à vitória. É revelado ainda, que dentre as características existentes na personalidade de cada um, os que mais se destacam são, no primeiro caso, a mentira e a falsidade, enquanto que, no segundo caso, predominam a verdade e a humildade. Esta pesquisa foi desenvolvida no intuito de trazer uma identificação ao conjunto de reações que se possam observar num indivíduo, estando este em seu ambiente e em dadas circunstâncias.

Palavras-chave: Caráter. Comparações. Características. Identificação.

Abstract: Work performed under the comparative analysis, emphasizing the character of John Self of Cricket I have mercy, comparing the same with that of Jesus Christ of the Bible, as from the Old Testament to the New Testament, all the books refer to his person. Comparisons show that the behavior of the characters walking different paths, while a leads to the defeat, the other leads to victory. It is further disclosed that among the existing features in the personality of each one, that stand out are, in the first case, the lie and falsehood, while in the second case, the predominant truth and humility. This research was developed in order to bring an ID to the set of reactions that can observe an individual, this being in their environment and in given circumstances.

Keywords: Character. Comparisons. Features. Identification.

1 Introdução

A predileção da fé religiosa vem regendo, por muitas décadas, a estirpe dos diferentes níveis sociais existentes não só no Brasil, mas em todo o mundo. E é justamente pela diferença social, e, conseqüentemente, pelo padrão em que cada indivíduo se encontra, que essa fé é fortalecida, permeando muitos momentos de sua vida, cultura e tradição.

No presente artigo, se promove uma análise sobre os confrontos simultâneos entre a personalidade de duas personagens, a fim de conhecer as semelhanças, as diferenças ou relações, enquadrando-as aos laços socioculturais dos dias de hoje. Estamos nos referindo a João Grilo, de “o Auto da Compadecida”, de Ariano Suassuna, e a Jesus Cristo da “Bíblia Sagrada”, cujo autor é Deus. O primeiro apresenta a sagacidade como princípio lógico para alcançar seus objetivos, e o segundo que apresenta como primazia sua humildade.

Partimos do pressuposto que a influência da crença na cultura popular é relevante no meio social do povo nordestino e, por isso, em sua maioria apresentam os mesmos traços da sagacidade, perspicácia, orgulho, arrogância e vingança, dentre os muitos outros que

pretendemos aqui tratar. Com objetivo principal de levar o ser humano a conhecer a verdade libertadora de um caráter puro, íntegro, forte, imparcial e verdadeiro.

Cabe aqui, ainda, destacar que o fato do personagem ser nordestino, não se trata de um direcionamento específico à região nordeste, mas frisamos a importância da orientação a todos os homens que tenham um caráter que tenha impregnado os traços apresentados. Não pretendemos excluir o resto do mundo destes apontamentos, mesmo porque estamos tratando da personalidade humana, e todos que são humanos irão, em algum momento, identificar-se com qualquer uma das características mencionadas.

Será que você conseguiria entrar neste mundo de descobertas e identificar em seu caráter os pontos positivos e, principalmente, os negativos e, a partir daí, tratá-los de acordo com o que se é proposto?

2 Revisão de Literatura

2.1 Temperamento, caráter e personalidade

Quando tratamos da individualidade dos sentimentos e da personalidade do ser humano, passamos a ver quão grandes são as peculiaridades entre eles.

Podemos fazer uma experiência dentro de nossa própria casa, comparando nosso comportamento com o de nossos pais ou com o de nossos irmãos. Grandes serão as diferenças encontradas.

Não existe nada mais fascinante a respeito do homem do que o seu temperamento! É o temperamento que supre cada ser humano com as qualidades marcantes de singularidade que os tornam tão individualmente diferentes de seus semelhantes como os diferentes contornos que Deus deu aos flocos de neve. É a força invisível que alicerça a ação humana, uma força que pode destruir um ser humano normal e eficiente, a menos que seja disciplinada e controlada (LAHAYE, 1988, p. 9)

O mais interessante é que quando encontramos alguma semelhança referente àqueles comportamentos que são inaceitáveis a nós mesmos, passamos a perceber que quase sempre a falha está no nosso caráter, nos nossos hábitos, na nossa cultura e no que acreditamos. Buscamos, então, um reconhecimento daquilo que está em nós para depois conseguirmos admitir um erro ou uma falha no nosso caráter. Claro que este é um processo difícil para nós, como afirma Lahaye (1988, p. 9): “o temperamento dá ao homem forças e fraquezas. Embora gostemos apenas de pensar em nossas forças, todos nós temos fraquezas!”. Daí, passamos a buscar algo que venha nos trazer uma transformação a esta situação e que, conseqüentemente, traga mudanças ao nosso comportamento.

Com efeito, o homem pode ser despertado para uma análise mais profunda do seu caráter, dando ênfase às características encontradas em alguns personagens, passando a atuarem como espelhos para identificar certos distúrbios comportamentais ao se deparar com tais caracteres.

O controle sobre nossas ações e reações, é melhor compreendido quando entendemos o significado de **temperamento, caráter e personalidade**.

De acordo com Lahhaye (op. cit., p.12), que faz uma divisa bastante interessante entre esses aspectos:

TEMPERAMENTO é a combinação de características congênicas que subconscientemente afetam o procedimento do indivíduo. Essas características são coordenadas geneticamente com base na nacionalidade, raça, sexo e outros fatores hereditários. Essas características são transmitidas pelos gens. (...)

CARÁTER é o verdadeiro eu. A Bíblia se refere a ele como “a essência secreta do coração”. É o resultado do temperamento natural burilado pela disciplina e educação recebidas na infância, pelos comportamentos básicos, crenças, princípios e motivações. É, algumas vezes, denominado “a alma” do homem, que é composta de cérebro, emoções e vontade. (...) É o nosso temperamento civilizado.

PERSONALIDADE é o semblante externo de nós mesmos, que pode ser ou não igual ao nosso caráter, dependendo de quão autêntico sejamos. Frequentemente, a personalidade é uma fachada agradável para um caráter desprezível ou medíocre. (...) É o rosto que mostramos ao próximo.

Na perspectiva de Ferreira (2002), essas três características são mescladas e definidas como identidade no seu processo de construção:

A identidade, como processo em construção, necessita estabelecer “um retorno ao passado de forma que possamos guardar mais facilmente... o que somos hoje”. Esse retorno facilitará, entre outras coisas, a atividade de pensar. (p.16)

Nesse desdobramento da análise, a questão da identidade é discutida a partir de um processo de aprendizagem das relações que se estruturam entre o sujeito e o mundo, consigo mesmo e com o outro. Isso, tendo em vista o processo de identificação do igual com o diferente, uma vez que pensar a identidade é pensar, também, a diferença. Ressalta-se que, como sujeitos somos iguais enquanto espécie humana, mas diferentes enquanto particularidades culturais. Nesse contexto, o elemento-chave para uma discussão sobre o que permanece e o que se transforma na identidade é o mundo da cultura. (p.18)

Semelhantemente, Finea Brandão, baseada no texto de Reich (1972, p.188-205), *Análise do caráter*, faz uma observação no sentido de compreender e denominar a identidade, bem definida por Ferreira (op. cit., n. p.), como o caráter propriamente dito:

O caráter é, portanto, a forma por excelência de comportamento. É o que dá constituição aos nossos atos. É o nosso jeito de ser e, ainda, é o que expressamos quando dizemos: “Eu sou tímida” ou “Eu não sou avarenta como você pensa”.

O caráter é percebido pelos gestos, pela forma, ou ainda pela intenção da forma. É movido pela energia interna adquirida das trocas energéticas com as relações afetivas. Funciona contraindo e expandindo; pulsando. Em situações de prazer essa blindagem, se for móvel, expande-se, em situações de desprazer ela se contrai.

Quanto à origem: sua força é contínua razão de se, provêm dos conflitos vulgares entre o instinto e o mundo exterior. O caráter começa a partir dos primeiros entendimentos da criança à respeito do seu mundo. Ele se forma através da reação, frustração, tentativa de agradar a quem depende efetivamente. Isso pode se dar dentro do desenvolvimento libidinal no momento da terceira fase do complexo de Édipo, quando a criança começa a perceber o mundo à sua volta.

Estas comparações acontecem pela visão individualizada de cada argüidor. Sendo assim, podemos, ainda, nos reportar a Gonçalves (2001, n. p.), que vem complementar a definição de caráter, distinguindo-o através da uniformização do conhecimento:

Se o conhecimento tende a se uniformizar entre os indivíduos, com o caráter ocorre o oposto, pois é ele que distingue os indivíduos. Entretanto, da mesma forma que a inteligência, o caráter não é composto de partes distintas, de átomos ou de radicais diversamente reunidos e combinados (...) Precisaremos encarar o caráter, uma vez que este, em cada manifestação, exprime, de modo preciso, a totalidade da pessoa.

De acordo com Wikipédia, a enciclopédia livre:

O caráter no Brasil ou caráter em Portugal, em psicologia é o termo que designa o aspecto da personalidade responsável pela forma habitual e constante de agir peculiar a cada indivíduo; esta qualidade é inerente somente à uma pessoa, pois é o conjunto dos traços particulares, o modo de ser desta; sua índole, sua natureza e temperamento. O conjunto das qualidades, boas ou más, de um indivíduo lhe determinam a conduta e a concepção moral; seu gênio, humor, temperamento, este, sendo resultado de progressiva adaptação constitucional do sujeito às condições ambientais, familiares, pedagógicas e sociais.”

Como complemento à definição acima, segundo a eurooscar.com:

a “Ter caráter é ter brio, é ter vergonha, é ter personalidade moral. Não possui caráter aquele que só sabe gritar, que diz desaforos, que impõe a sua vontade com despotismo, com arrogância. Possui caráter aquele que sabe se impor pelas suas qualidades morais e materiais.

Em conformidade com o desempenho teórico acima, o caráter nada mais é do que a junção de todos os sentimentos do ser humano, dos seus pensamentos, e de tudo aquilo que possa concretizar-se em uma ação, seja ela espontânea ou não; os estados físico e psicológico do indivíduo estão sempre ligados ao seu comportamento. O caráter é construído, portanto, a partir do crescimento da criança, podendo modificar-se durante todo o percurso de inclusão social, tornando-se, na maioria das vezes, dependente dos acontecimentos que lhe sejam exteriores.

2.2 Características peculiares ao Grilo e ao Cristo

2.2.1 Caráter grilóideo

Destacamos João Grilo como protagonista na imaginação do povo em casos de astúcia, justiça própria e exemplos de sabedoria que atravessaram os tempos, chegando até a era da informática, com um novo corpo, adaptando-se a novas formas de linguagem dentro de uma comunicação psicossocial.

Estamos falando do comportamento, temperamento e outros aspectos do caráter que é próprio a inúmeras pessoas, a diversas localidades e, tendo entre si, semelhanças de distorções e inconveniências, trazendo, assim, grandes problemas para uma sociedade, principalmente para as mais conservadoras. Sendo assim, tratar desta problemática é relacionar o *falso* com o *verdadeiro*, mostrando diferenças tanto no interior como no exterior dos indivíduos e, principalmente, distinguir num mesmo ambiente, pessoas que tenham um relacionamento em comum.

Mas o que seria um caráter grilóideo? Segundo o Aurélio (v. 3.0):

É ser um indivíduo maçante, amolante, chato, falso, atrapalhado, complicado, que faz muita confusão, e, acrescentando, que não é agradável com as pessoas, comporta-se mal, é extremamente mal educado, ambicioso, ignorante, farofeiro, fanfarrão, alardeador, gabarola, valentão,

marombado, pábulo, e muitos outros adjetivos poderíamos colocar aqui.

Podemos afirmar que, muitas vezes, agimos e pensamos de igual modo ao Grilo em questão. Quando mentimos, por exemplo, num determinado momento, para sair de alguma situação incômoda; quando gritamos alguém com ignorância; quando desprezamos algo que é importante para alguém; quando passamos por cima de tudo e de todos para alcançar nossos objetivos; quando não assumimos nossos erros por causa do orgulho; dentre muitas outras situações que examinaremos mais adiante, com precisão. São traços fortes de que em cada um de nós há um grilo determinado envolvendo nossa atuação na sociedade.

2.2.2 Caráter virtuoso

Segundo Aristóteles (*apud* Wikipédia):

Existem dois tipos de virtudes: do pensamento e do caráter. A primeira, porque se ensinam pela instrução, fazem parte a Sophia (saber) e a Phronesis (sabedoria). Estas virtudes são também conhecidas como competências intelectuais e incluem o conhecimento científico relevante; aptidões técnicas e experiência adequadas; a inteligência; a capacidade de discernimento e bom senso prático. Por outro lado, as virtudes do Caráter são as virtudes éticas ou competências morais, ou seja, desenvolvem-se através do hábito, da educação e da prática. Entre elas encontram-se a honestidade, a moderação, a coragem, a justiça, o amor, a fidelidade, o humor...

Em contraponto à figura de João Grilo, encontramos em Jesus uma referência bastante significativa, visto que nele há uma excelência e aquisição do conhecimento do ser humano. Tudo aquilo que faltava no personagem de Suassuna, é demasiado no personagem de Deus. A diferença, primordial, é que enquanto o Grilo passa a buscar sua inteligência na inventividade, o Cristo apresenta sua capacidade de transmitir o seu próprio conhecimento, que é a verdade. É diante disso, que atentamos aos grandes desvios emocionais encontrados em JG, e ao grande poder de autodomínio exposto por Jesus Cristo.

2.3 Sentimentos e atitudes dos personagens

2.3.1 Religiosidade: ponto de partida para salvação

O primeiro ponto a ser abordado é a questão da fé. Questão esta, comum aos personagens aqui observados.

Esse é um traço muito forte dentre os homens. Acreditar no divino, na figura de um “santo” salvador, que cura, que faz milagres, faz parte do cotidiano e da cultura dos indivíduos e é justamente isto que traz discussões às mais variadas facções religiosas existentes, até mesmo entre os ateus que decidiram não acreditar no Deus criador de todas as coisas.

Nesse âmbito, encontramos João Grilo (do cordel) reportando-se uma única vez a invocação de São Bento, demonstrando assim, num súbito de tempo, aquilo que se torna, de certa forma, objeto de crença, ocupando um lugar de destaque no ambiente de pensamento e de expressão:

João Grilo disse: Danou-se
Misericórdia São Bento! (2ª estrofe, verso 2 p.10)

Logo em seguida, acaba desmistificando a imagem de Maria como mãe de todas as mães, confrontando a soberania daquela que se acredita ser a “mãe de Deus”, ensinamento dogmático imputado pela Igreja Romana,

João Grilo disse: “seu” mestre
Me diga como se chama
A mãe de todas as mães?
Tenha cuidado no drama
O mestre coça a cabeça
Disse: antes que eu me esqueça
Vou resolver o programa.
-Mãe de todas as mães
É Maria Concebida!
João Grilo disse: Eu protesto,
Antes dela ser nascida

O que ele quer dizer é que Deus é supremo e devemos a Ele a nossa vida, mesmo porque do ponto de vista de Deus como “o criador de tudo e de todos” seria ilógico acreditar que Ele teria uma mãe. Esse personagem apresenta tanto uma visão mais ampla da sua condição de pecador como também um controle sobre suas opiniões e, principalmente, sobre sua fé.

Já com o Grilo do Auto da compadecida acontece o contrário. A princípio, fica implícita sua maior devoção, só a partir das cenas onde aparecem os cangaceiros ele começa a revelá-la, como um grito de socorro para que a salvação torne-se parte de sua vida. Mas depois de sua morte expõe de uma vez toda a sua crença e confiança, passando a dirigir-se à Compadecida como sua intercessora e salvadora (AC, p.184):

COMPADECIDA: João foi um pobre como nós, meu filho. Teve de suportar as maiores dificuldades, numa terra seca e pobre como a nossa. Não o condene, deixe João ir para o purgatório.

JOÃO GRILLO: Para o purgatório? Não, não faça isso assim não (Chamando a Compadecida à parte). Não repare eu dizer isso mas é que o diabo é muito para impressionar. A senhora pede o céu, porque aí o acordo fica mais fácil a respeito do purgatório.

A cultura popular é encharcada de religiosidade. Desde uma simples pintura às mais sofisticadas obras de arte, podemos perceber seus traços tão marcantes. Em se tratando de Nossa Senhora, percebemos a grande influência existente, como por exemplo, nas festas de padroeira e, até, no modo em que as pessoas falam. Santos (2003) declara:

Maria aparece como fonte de devoção e lugar de esperança, filiação. Essa presença maternal de Maria como intercessora e mediadora vai permear muito da cultura brasileira, basta lembrar, por exemplo, a beleza do filme *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, onde Maria é invocada por João Grilo e intercede por todos no juízo final. Essa característica maternal de Maria foi assimilada pelo povo brasileiro em suas expressões mais triviais e profundas, como “Virgem Maria” ou “Vixe Maria”, “Minha Nossa Senhora”, “Mãe

fazendo menção da mesma e colocando-a num plano inferior, no lugar que ele acha lhe ser devido, seguindo uma linha de contraponto ao que o sistema religioso lhe ensinava, desrespeitando a valorização da divindade representada pela figura feminina a qual se dirige. (op. cit., p.10):

Já outra mãe existia
Não foi a Virgem Maria,
Oh! Que resposta perdida!
João Grilo disse depois
Num bonito português:
A mãe de todas as mães
Já disse e digo outra vez
Como a escritura ensina
É a natureza Divina
Que tudo criou e fez.

do Céu”, dentre outras, revelando uma familiaridade com a sua companhia constante.

A crença no purgatório, que, segundo o Aurélio, “é um lugar de purificação das almas dos justos antes de admitidas na bem-aventurança”, isto é, no céu, também se encontra no meio do povo, pela cultura de ensino (de geração em geração) desde o início da formação da Igreja Romana. O mais interessante é que ao folhearmos as Escrituras Sagradas, que a própria Igreja Católica tem como base fundamental para ensino e aprendizagem, não encontramos nenhum registro de tal expressão, ou qualquer base para tal crença, encontramos sim uma contrariedade a esta crença, declarando que logo após a morte segue-se o juízo, ou seja, nenhum outro lugar além do céu ou do inferno pode existir.

Apesar de manterem esse aspecto de sempre crer em algo, a Bíblia enquanto obra literária, retratando a Deus como autor e Jesus como personagem principal, mostra, em Mateus 7:13-14, que a crença dos grilos é totalmente pervertida, fora dos padrões que o próprio Deus instituiu para os homens:

Entrai pela porta estreita (larga é a porta e espaçoso o caminho que conduz à perdição e são muitos os que entram por ela), porque estreita é a porta e apertado o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela.

Outra característica marcante é acreditar que Nossa Senhora pode de fato interceder por todos. Isto fica claro quando, durante a conversação, a ação que a Compadecida tem, é de antecipar-se e intervir no julgamento (op. cit., p. 74):

JOÃO GRILLO: Não é o que eu digo Senhor? A distância entre nós e o Senhor é muito grande. (...)
COMPADECIDA: Intercedo por esses pobres que não têm ninguém por eles, meu filho. Não os condene.

Em relação àquela antiga crença de que os “santos” podem interpor na decisão do Deus altíssimo, todo poderoso, a Bíblia contrapõe-se a estes argumentos ao declarar que só Jesus pode interceder pelos homens e ninguém mais. Enquanto João Grilo pede à Compadecida sua misericórdia rezando a Ave Maria (p.173), reportando

a ação das pessoas que seguem o mesmo viés de pensamento quando estão passando por dificuldades, como se fosse ela a protagonista principal da vida e a solução para todos os problemas. Mas a Bíblia é bem clara quando declara em 1 Timóteo 2:5:

Portanto, há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem (...).
 Confirmando esta afirmação em Romanos 8:34:
 Quem os condenará? É Cristo Jesus que morreu, ou antes, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus, e também intercede por nós.

Diante desses fatos, podemos concluir que, mesmo com tanta devoção, nenhum dos grilos tinha o costume de ler a Bíblia, mantinham-se na fé mediante aquilo que a Igreja pregava, defendia, e impunha, na maioria das vezes.

Como afirma Queiroz (1998, s. p.), ao referir-se à obra em estudo: “os textos testemunham demonstrações de crença numa espiritualidade vaga, miraculosa e inconspicua pela burocracia eclesiástica ou por qualquer entendimento sentimental da religião”.

Embora demonstrarem uma tendência para as coisas sagradas, tanto o Grilo do Auto, como o das Proezas mantêm um caráter astuto, justiceiro, vingativo, de sabedoria sempre superior a de todos os outros, expondo um caráter típico de todo e qualquer tipo de cultura.

É impressionante como esta característica assemelha-se entre brasileiros, africanos, portugueses, chineses, holandeses, e as mais diversas nações existentes, cada uma com sua peculiaridade, com seu estilo de vida, acreditando no seu Deus, ou deuses, mas sempre seguindo a mesma linha, nunca apreciando a crença do outro, a sua é mais importante e a mais certa que existe. Podemos até dizer que este é o perfil mais predominante na humanidade. Vejamos, a seguir, outros aspectos encontrados, continuando a confrontá-los com a integridade e pureza reveladas através das passagens bíblicas, demonstrando a contrariedade dos valores, dos pensamentos e das próprias ações que a vida impõe a cada personagem.

2.4 Disparidade entre falsidade e verdade

Antes de qualquer coisa, necessário se faz entendermos a falsidade de João Grilo, para podermos, em seguida, entrar nas características advindas da sua inventividade. Partimos, então, do pressuposto de que no Grilo não há verdade.

Muitos valores morais poderiam ser-lhe atribuídos, caso seus instintos seguissem o rumo da verdade, que não é o caso. Entretanto, dispomos de um olhar bastante crítico ao examinar seu comportamento com relação a Chicó, personagem que está sempre ao seu lado, isto é, seu cúmplice em todas as suas tramóias. Ele trata de fugir da situação colocando a vida do seu único amigo em risco, direcionando-lhe toda raiva e rancor (op. cit., p.105): “JOÃO GRILO: É isso mesmo e façam o favor de não me irritar se não eu dou um tiro na cabeça de Chico!”

Todas as suas inverdades são características próprias do seu caráter falso, enganador e inconseqüente. Perceber que, ao criar as situações, ele passa a brincar e enrolar todos os outros personagens da peça, mexendo com o psicológico, com o movimento corporal, com o bem-estar pessoal de cada um, sem medir esforços. Pode-

se dizer, então, que ele toca no corpo, alma e espírito das pessoas envolvidas no seu relacionamento. Confirmando essa afirmativa, segue-se um fragmento de um artigo da *angelfire.com*, que diz:

É interessante compreender que não existe o que se pode chamar de “falsidade particular”, ou seja, uma mentira ou uma falsidade não prejudica somente a pessoa que a pratica. Ela é como um veneno, que se espalha lenta ou apressadamente, por todo o corpo. Quantas famílias, igrejas, empresas, ou comunidades, têm sido atingidas pela falsidade de apenas uma pessoa? Uma pequena porção de fermento leveda toda a massa.

Enquanto esse aspecto cresce cada vez mais dentro de João, o Salmista mantém uma relação mais íntima com a verdade, e torna isto evidente ao dizer (Sl. 119:29): “Afasta de mim o caminho da falsidade, e favorece-me com a tua lei”.

Ainda no artigo da *angelfire.com*:

Há quem use a falsidade para tirar proveitos. Muitas pessoas afirmam certas coisas ou deixam de afirmar outras para levar vantagens, obter lucros, ascensão social, desmoralizar outras pessoas, etc. Essa parece ser a ética do mundo. Rui Barbosa, o grande jurista brasileiro, afirmou certa vez, dentre outras coisas, que de tanto ver triunfar a mentira e a falsidade, tinha até vergonha de ser honesto. De fato, a pessoa comum muitas vezes se sente, na nossa sociedade, quase obrigada a ser falsa. A mentira, o engodo, o engano, a falsa aparência, a esnobação e a desfaçatez são gêneros de primeira necessidade nos relacionamentos entre as pessoas. Não dá para deixar de atribuir esse tipo de comportamento ao diabo.

Por ser bastante sensata em suas afirmações, a Bíblia passa a advertir aqueles que se utilizam da falsidade, *apud* Davi (Sl. 12:2-3): “Falamos com falsidade uns aos outros, falamos com lábios bajuladores e coração fingido. Corte o SENHOR todos os lábios bajuladores, a língua que fala soberbamente”. Com toda ênfase dada à mentira e falsidade, vejamos o que mais é proporcionado através destas duas armas que corrompem a verdade do ser humano, distorcendo todo seu caráter, tornando-o vil, infame e desprezível.

2.5 Esperteza e astúcia, dependentes da mentira

A mentira é uma ação que está no cotidiano do ser humano. É um argumento enganoso utilizado em todo o mundo para persuadir, confundir, enganar, para conseguir o que se quer. Sua utilização mais freqüente é a da argumentação diante de certas instâncias e, principalmente, da necessidade inconsciente que se tem de não assumir a verdade. Este é um retrato nítido do caráter da maioria dos homens, seja qual for a sua estirpe.

Ao analisarmos a esperteza e astúcia dos Grilos, tanto do Auto da Compadecia como o das Proezas de João Grilo, podemos perceber estes aspectos como naturais naquele meio, porque todos olham para a situação, nunca para o que causou aquela situação.

Sua esperteza sempre estava subordinada às mentiras. O caráter que pregava era cheio de falsidade, omissão, engano, imposturas, tratando a própria mentira

como uma fábula, uma ficção e utilizando-se dela para trazer a sua própria realidade, já que o ato de mentir torna-se um regente da sua vida. Muitas pessoas se identificam com estes falsos valores e, reportadas a estes,

Um dia a mãe de João Grilo
Foi buscar água a tardinha
Deixou João Grilo em casa
E quando deu fé, lá vinha
Um padre pedindo água
Nessa ocasião não tinha.
João disse: - Só tem garapa
Disse o padre: - De onde é?
João Grilo lhe respondeu:
-É do engenho Catolé...
Disse o Padre: - Pois eu quero!
João trouxe numa coité.
O padre bebeu e disse:
-Oh! Que garapa boa!
João Grilo disse: Quer mais?

É, Chicó, o padre tem razão. Quem vai ficar engraçado é ele e uma coisa é benzer o motor do major Antonio Morais e outra é benzer o cachorro do major Antonio Morais.

Jesus ensina, (*apud* João 8:44), que o caráter no caráter e no procedimento do homem não deve estar a mentira:

Vós sois do diabo, que é vosso pai, e quereis satisfazer-lhe aos desejos. Ele foi homicida desde o princípio e jamais se firmou na verdade, porque nele não há verdade. Quando ele profere a mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira.

Ele era um homem que mantinha a verdade como base para sua atuação e que sabia bem o que conseguiria usando-a: o povo ouvia as suas palavras, entendia e, depois, passava a segui-lo com confiança por causa da sua própria fidelidade.

A oposição desse valor é bem descrita e defendida no NT, mostrando que o lugar para os mentirosos não é junto de Deus, mas, os mesmos, ficarão para sempre fora do reino dos céus e, portanto, por tais declarações, os grilos já estariam condenados. “Fora ficam os cães, os feiticeiros, os impuros, os assassinos, os ídólatras e todo aquele que ama e pratica mentira”. (Ap 22:15)

Façamos, então, um paralelo entre João Grilo e o Diabo, haja vista, a grande semelhança existente entre eles, como descrito nos versículos acima. O Diabo é o pai da mentira, e isto é confirmado em Gênesis 3 ao manifestar-se através da serpente para, com a própria mentira, conseguir fazer com que a mulher comesse do fruto e desobedecesse ao seu criador. Esta ação aparece em quase todas as cenas do Auto da Compadecida, quando não, faz-se sempre uma referência a ela em qualquer ato, relevando-se o peso das conseqüências. É, ainda, através da falsidade que tornam-se notórios outras aptidões como, por exemplo, a sua astúcia.

Na verdade, o personagem acima citado, tem consciência deste dote, desvelando seu conhecimento a respeito da mentira ao se ver perdido, no dia do seu julgamento (*op. cit.*, p.144):

ENCOURADO: É assim mesmo e não tem por onde fugir!

passam a se verem como enganadoras, hipócritas, não mais astuciosas, mas sim mentirosas. Um exemplo disso é retratado nos trechos do cordel (p.3) e do auto (p. 33), respectivamente:

O padre disse: - E a patroa,
Não brigará com você?
João disse: - Tem uma canoa!
João trouxe outra coité
Naquele mesmo momento
Disse ao padre: Beba mais,
Não precisa acanhamento
Na garapa tinha um rato
Estava pode fedorento!

JOÃO GRILO: Sai daí, pai da mentira! Sempre ouvi dizer que para se condenar uma pessoa ela tem de ser ouvida.

Tomando uso, ainda, de Gênesis 3, o Diabo escolheu, dentre todos os animais, a cobra, por ser o animal mais sagaz que existia (*op. cit.* v.1). Concluímos, portanto, que a figura do Diabo é importante para entendermos João Grilo, conhecido como um dos mais astutos e sagazes personagens existentes na literatura brasileira.

Para ficar mais clara a questão da importância de entendermos a sagacidade, vejamos alguns versículos encontrados nas Cartas de Paulo aos Coríntios (2 Co. 4:2; 1 Co. 3:18-21), respectivamente:

(...) pelo contrário, rejeitamos as cousas que, por vergonhosas, se ocultam, não andando com astúcia, nem adulterando a palavra de Deus; antes, nos recomendamos à consciência de todo homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade.

Ninguém se engane a si mesmo: se alguém dentre vós se tem por sábio neste século, faça-se estulto para se tornar sábio. Porque a sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus, porquanto está escrito: Ele apanha os sábios na própria astúcia deles. E outra vez: o Senhor conhece os pensamentos dos sábios, que são pensamentos vãos.

Conforme Buarque (2005):

O pior da astúcia é que ela amara o topo no seu egoísmo, e engana a base na sua ilusão. Amarra até os que conseguem identifica-la, mas que terminam por defendê-la, como sendo um mal menor. Porque parece melhor a astúcia que engana do que as promessas que parecem nunca se realizar.

(...) O preço da astúcia é muito maior do que o custo da solução.

Mediante tais considerações, encerramos esta parte, entendendo que a astúcia nem sempre é sinal de retidão, mas sim de perdição e de crueldade.

2.6 Vingança: sentimento firmado na mentira

Não somente a astúcia, sagacidade e malícia utilizam-se da mentira. Ao ser descoberta ela passa a firmar e manipular sentimentos ruins como: rancor; mágoa; amargura; raiva; rebelião; segurança própria; dentre outros, para produzir e desenvolver uma das piores ações que um ser humano pode fazer: a vingança.

Bacon, em *Ensaio da vingança*, define vingança como:

Uma espécie de justiça bárbara, de tal maneira que quanto mais a natureza humana se inclinar para ela, tanto mais a deve a lei exterminá-la. Porque a primeira injúria não faz mais que ofender a lei, ao passo que a vingança da injúria põe a lei fora do seu ofício. De certo, ao exercer a vingança, o homem iguala-se ao inimigo; mas, passando sobre ela, é-lhe superior; porque é próprio do príncipe perdoar.

A vingança é um castigo imposto por uma pessoa àqueles que a desagradam. É um sentimento de ódio temperado com repugnância, aversão, ira, antipatia, inveja, e um desejo imenso de fazer o mal a outros indivíduos. É muito difícil articular um controle sobre ela, pois é ela própria que acaba manipulando o coração do homem, planejando e calculando contra alguém. Ela acaba despertando a violência, que está no homem a partir dos seus próprios instintos e, de uma forma ou de outra, cada um lida com ela dentro de uma série de experiências normais e comuns. Ela é sempre baseada em mentiras.

Individualmente, percebemos no ser humano, expressões que exteriorizam sua vontade. Em cada caso que possamos presenciar, teremos oportunidade de ver o quanto a vingança é traiçoeira, quando manifesta.

Como exemplo, temos cenas em que os Grilos (cordel, p. 7; peça, p.36) são desmascarados, e sua capacidade de inventividade é confrontada com a verdade dos fatos:

João Grilo foi embora
O padre ficou zangado
João grilo disse: Ora sebo,
Eu não aliso c'roado
Vou vingar-se duma raiva
Que tive o ano passado.

JOÃO GRILO: muito pelo contrário, ainda hei de me vingar do que ele e a mulher me fizeram quando estive doente. Três dias passei em cima de uma cama para morrer e nem um copo d'água me mandaram. Mas fiz esse trabalho com gosto, somente porque se trata de enganar o padre. Não vou com aquela cara.

Sua forma de agir expõe um caráter voltado ao interesse na crueldade, que nos lembra, no popular, uma frase habitual usada no dia a dia das pessoas: **Ah! Pois ele pode esperar que eu vou descontar o que ele fez comigo ou ele vai ver o que é bom pra tosse.** Deste modo, observamos que seu coração tornava-se um baú onde se guardavam todos aqueles sentimentos mencionados no início deste subitem, para que, num futuro tramado por ele mesmo, pudesse utilizá-los, manipulando as pessoas, traçando planos estratégicos, premeditando os acontecimentos e, a partir disso, poder

colocar em prática a ação da vingança.

Para confirmar esses argumentos de que João Grilo era dotado destes sentimentos e guardava-os, temos um testemunho do seu companheiro, Chicó, que o conhecia melhor do que ninguém (p.39): “João, deixe de ser vingativo que você se desgraça; qualquer dia você inda se mete numa embrulhada séria”.

Na realidade, todo ser humano tem, independente de sua condição social/psicológica ou regional/cultural, uma consciência que o leva a distinguir o bem do mal. Daí, pode-se afirmar que o homem faz o que não lhe é devido, porque o mal está atrelado ao seu caráter, e, com isso, passa a ver todas as suas ações como normais, como coisas banais, mas logo após a prática, seu interior é acometido por um sentimento de remorso, mostrando uma acusação do próprio eu, uma reação do bem contra o mal que há dentro do indivíduo.

Com relação a tais atitudes, mais uma vez a Bíblia toma um posicionamento reto diante da mediocridade e da falta de amor para com o próximo, sentimento este que todo ser humano tem consciência de que em seu coração deve existir, só que, muitas vezes, não o semeia.

Não te vingarás nem guardarás ira contra os filhos do teu povo; mas amarás o teu próximo como a ti mesmo: Eu sou o Senhor. (Lv 19:18)

Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem. (Mt 5:44)

Compreendemos então, que a principal arma contra todos os episódios ruins que a vida pode oferecer, é o amor e não a vingança. É o amor quem deve ser gerado na alma e não o ódio. A maior vitória que se pode ter não é aquela que buscamos na força do braço, mas é ter a consciência limpa, com um sentimento interior de paz, de tranqüilidade, diante das injustiças feitas contra nós, e poder devolver a dedicação absoluta, a ternura, a amizade, a compreensão em outras palavras, é fazer com que sejam gerados, na nossa alma, os frutos do espírito, *apud* Paulo (Gálatas 5:22): “Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio, Contra estas cousas não há lei”.

De fato, estas são grandes armas que podemos nos utilizar para que, dentro de nós, o mal não prevaleça, mas a predominância seja de tudo aquilo que se faz essencial à nossa vida, ao nosso comportamento, aos relacionamentos dentro da família e no convívio social, dando exemplo de confiança e seriedade diante de todos. Com certeza, João Grilo não os conhecia, por isso vivia de acordo com seus impulsos.

2.7 Além de autossuficiente, a mentira também é utilizada para roubar

A capacidade de mentir chega até a colocar os Grilos em momentos de escândalo, de indignidade, de falta de consciência e, o mais interessante, é que nem se importavam com tais coisas, tratando todos os momentos como se tivesse a verdadeira razão (e isso fala da auto-suficiência), passando por cima de todos e até de Deus, fazendo seu querer, mostrando sempre independência, rejeitando qualquer sujeição, nunca assumindo as impropriedades dos seus atos, mas como se necessários fossem.

É nessa perspectiva, que os personagens, tanto do cordel (p. 16), como o do auto (p. 104), passam a

expressar a sua autossuficiência, mostrando um domínio da “verdade”, utilizando-se de artifícios inconvenientes ao

comportamento de qualquer pessoa que use de bom senso:

Os ladrões dali fugiram
Quando viram a alma em pé,
João Grilo ficou com tudo
Disse: Eu já sei como é
Nada no mundo me atrasa
Agora vou pra casa
Tomar um rico café!

Chegou e disse: Mamãe
Morreu nossa precisão
O ladrão que rouba outro
Tem cem anos de perdão!
Contou o que tinha feito,
Disse a velha: -Está direito,
Vamos fazer refeição!

PADEIRO: Foi esse ladrão que vendeu um gato à minha mulher, dizendo que ele botava dinheiro, Senhor Bispo.

Ambos roubavam e, em especial, o das proezas era apoiado pela mãe, que dizia ser correto o que ele acabara de fazer. Isto acontece muito no meio social. Na classe predominantemente pobre, não descartando as outras classes, é claro, podemos nos deparar com cenas iguais a esta a todo tempo. Muitas vezes a desculpa para o roubo é a fome, o desemprego, o aluguel. A necessidade de ganhar o pão de cada dia e a preocupação com o ter, os distancia do intento natural de levar a vida, de saber aguardar as oportunidades para conseguir alguma coisa pelos meios justos, e, assim, levando-os a agir de modo a agredirem a própria sociedade, com a violência – considerando-se o roubo como ato gerador da violência e da agressão –, com a impunidade que há na força do seu caráter, esmerando-se em descobrir a resolução dos problemas com suas próprias forças, confiando em tudo o que é de sua criação, havendo, portanto, um desencontro de vontades: a vontade própria do homem, de sua confiança e independência; da vontade de Deus, que quer suprir todas as necessidades do próprio homem:

(...) Respondeu Jesus: Não matarás, não adulterarás, não furtarás, não dirás falso testemunho; (Mt 19:18)

Por isso vos digo: Não andeis ansiosos pela vossa vida, quanto ao que haveis de comer ou beber; nem pelo vosso corpo, quanto ao que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o alimento, e o corpo mais do que as vestes? (Mt 6:25)

Confia no Senhor e faze o bem; habita na terra e alimenta-te da verdade. Agrada-te do Senhor, e Ele satisfará os desejos do teu coração. Entrega o teu caminho ao Senhor, confia nele, e o mais ele fará. (Sl 37:3-5)

Atentemos, depois dessas considerações, à Obra Literária Bíblica, onde encontramos uma descrição de um caráter íntegro, correto, padrão de perfeição e obediência, de amor, de doação pela causa do outro, de sujeição, ou seja, de um caráter “santo” referido nas Escrituras Sagradas. Até agora encontramos nos Grilos uma postura incoerente aos procedimentos de Jesus, mostrando não conhecerem a vontade do seu Deus, totalmente desobedientes aos seus mandamentos, inseqüentes, irresponsáveis, e, sendo assim, conclui-se que eles não conheciam ao próprio Deus, porque se o conhecesse saberiam qual o melhor caminho a seguir, onde, naquela perspectiva, estariam condenados.

2.8 Grilo preconceituoso

Encontramos em JG uma característica comum à toda sociedade: o preconceito, que vem contribuir com o

individualismo e com a exclusão de pessoas inculpáveis da sua situação social, de cor ou raça, e que têm o direito de ter um lugar de dignidade e de honra na sociedade.

Mas o que vem a ser preconceito? *apud* Wikipédia:

Preconceito é definido, aqui, como um julgamento prévio rígido e negativo sobre um indivíduo ou grupo. O conceito deriva do latim *prejudicium*, que designa um julgamento ou decisão anterior, um precedente ou um prejuízo. 1. Conceito ou opinião formados antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos; idéia preconcebida. 2. Julgamento ou opinião formada sem se levar em conta o fato que os conteste; prejuízo. 3. P. ext. Superstição, credence; prejuízo. 4. P. ext. Suspeita, intolerância, ódio irracional ou aversão a outras raças, credos, religiões, etc.: O preconceito racial é indigno do ser humano.

Como diz Filho (2004):

No teatro um exemplo significativo é o Cristo de Ariano Suassuna, na cena culminante do julgamento do *Auto da Compadecida*. O estranhamento da popular figura folclórica do personagem João Grilo, diante de sua caracterização como negro é sintomaticamente revelador:

Ele se refere a seguinte cena (op. cit., p146-148):

Fala o "Encourado" (*de costas, grande grito, com o braço ocultando os olhos*):

– Quem é? É Manuel?

MANUEL: – Sim, é Manuel, o Leão de Judá, o Filho de Davi. Levantem-se todos pois vão ser julgados.

JOÃO GRILO: – Apesar de ser um sertanejo pobre e amarelo, sinto que estou diante de uma grande figura. Não quero faltar com o respeito a uma pessoa tão importante, mas se não me engano, aquele sujeito acaba de chamar o senhor de Manuel.

MANUEL: – Foi isso mesmo, João. Esse é um dos meus nomes, mas você pode me chamar também de Jesus, de Senhor, de Deus... Ele gosta de me chamar de Manuel ou Emanuel, porque assim quer se persuadir de que sou somente homem. Mas você, se quiser, pode me chamar de Jesus.

JOÃO GRILO: – Jesus?

MANUEL: – Sim.

JOÃO GRILO: – Mas espere, o senhor é que é Jesus?

MANUEL: – Sou.

JOÃO GRILO: – Aquele a quem chamavam Cristo?

JESUS: – A quem chamavam, não, que era Cristo. Sou, por quê?

JOÃO GRILO: – Por que... não é lhe faltando com o respeito não, mas eu pensava que o senhor era muito menos queimado.

Logo em seguida o Bispo manda João Grilo se calar, chamando-lhe de atrevido, e é neste momento que o Cristo repreende o bispo por tal atitude e João Grilo fala: “Muito bem. Falou pouco, mas falou bonito. A cor pode não ser das melhores, mas o senhor fala bem que faz gosto”. (p.148)

Ainda, de conformidade com Filho (2004), “a fala seguinte do Cristo, justificando a figura que assumira é também culturalmente reveladora” (p.149):

MANUEL: – Muito obrigado, João, mas agora é sua vez. Você é cheio de preconceito de raça. Vim hoje assim de propósito, porque sabia que ia despertar comentários. Que vergonha! Eu, Jesus, nasci branco e quis nascer judeu, como podia ter nascido preto. Para mim tanto faz um branco ou um preto. Você pensa que sou americano para ter preconceito de raça?

Na passagem citada é muito evidente a crença popular, firmado no preconceito, de que nem Deus pode ser negro sem despertar estranheza aos homens, e, na cena, o próprio Cristo tem que dar uma explicação da sua cor naquele momento.

A repulsa do grilo é tanta que, na realidade, diante da justiça dos homens, poderia ser facilmente denunciado e ir a júri, pela grande intolerância existente nas palavras e nos pensamentos, sem falar da enorme falta de respeito ao pronunciar-se preconceituoso.

No entanto, ao analisarmos o comportamento de Jesus, percebemos que é totalmente adverso ao do Grilo, pois aquele era dotado de grande sabedoria e ciência, e sabia exatamente identificar a necessidade de cada pessoa (individualmente). Como exemplo, temos a passagem de quando uma mulher, que havia doze anos que não cessava o fluxo do seu sangue e, com isso, naquele tempo, era tida como imunda e vivia isolada da sociedade, então decidiu apenas tocar as vestes de Jesus. Vejamos qual a reação do Cristo quando sentiu que aquela mulher havia lhe tocado (Mc 5: 24-34):

Tendo ouvido a fama de Jesus, vindo por trás dele, por entre a multidão, tocou-lhe a veste. Porque dizia: Se eu apenas lhe tocar as vestes, ficarei curada. E logo se lhe estancou a hemorragia, e sentiu no corpo estar curada do seu flagelo. Jesus, reconhecendo, imediatamente que dele saíra poder, virando-se no meio da multidão, perguntou: Quem me tocou nas vestes? Responderam-lhe seus discípulos: Vês que a multidão te aperta, e dizes: Quem me tocou? Ele porém, olhava ao redor para ver aquela que fizera isto. Então a mulher, atemorizada e tremendo, cônica do que nela se operara, veio, prostrou-se diante dele e declarou-lhe toda a verdade. E ele lhe disse: Filha, a tua fé te salvou; vai-te em paz, e fica livre do teu mal.

Diferentemente, com um espírito crítico, João Grilo agiu com menosprezo, debochando da situação da mulher do padeiro, que, por sua vez, era acostumada a adular (op. cit., p.54):

MULHER: O que é isso? É a voz da verdade, padre João. O Senhor agora vai ver quem é a mulher do padeiro.

JOÃO GRILO: Ai, ai, ai, e a senhora, o que é que é do padeiro?

Outro exemplo de compreensão e amor diante do preconceito das pessoas é o que está descrito no Evangelho de João, quando os escribas trouxeram à presença de Jesus, uma mulher que foi surpreendida em adultério, e que, pela lei de Moisés, teriam que apedrejá-la até a morte. Jesus escrevia na terra com o dedo durante o acontecimento, mas insistiram na sua opinião e então ele falou:

Aquele que dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro que lhe atire a pedra. E tornando a inclinar-se, continuou a escrever no chão. Mas ouvindo eles esta resposta e acusados pela própria consciência, foram-se retirando um por um, a começar pelos mais velhos até aos últimos, ficando só Jesus e a mulher no meio onde estava. Erguendo-se Jesus e não vendo a ninguém mais além da mulher, perguntou-lhe: Mulher, onde estão aqueles teus acusadores? Ninguém te condenou: Respondeu ela: Ninguém, Senhor! Então, lhe disse Jesus: Nem eu tampouco te condeno; vai e não peques mais. (Jó 8:7-11)

Que postura maravilhosa, que mente brilhante a de Cristo. Com apenas algumas palavras ele foi capaz de desarmar toda uma multidão de homens ignorantes, preconceituosos, hostis, e conseguiu tocar a consciência de cada um daqueles que estavam ali, prontos para atacar, desde o mais velho, até o mais moço.

Esse é, definitivamente, o tipo de caráter e de posição que devemos tomar para nossa vida. Temos que conhecer cada vez mais estes exemplos de força, de sabedoria e de verdade, para que nossas ações passem a ser concisas, precisas e coerentes com cada situação que se apresente diante de nós.

2.9 O orgulho e a arrogância, vistas sob a mesma perspectiva

O orgulho é um mal indesejado a toda e qualquer tipo de sociedade ou cultura. Ao contrário da humildade, ele recorre ao poder de autodefesa e nunca aceita seus próprios erros. Está sempre caminhando com a prepotência, insubmissão, raiva e muitos outros componentes encontrados na alma.

Com João Grilo, esta característica não poderia se manifestar de outra forma. O orgulho toma posse da maioria dos seus feitos e, como é de se esperar, sempre enfrenta as pessoas fugindo da sua responsabilidade.

Isso acontece com a maioria dos indivíduos. Ao se depararem com alguém que sabe mais, que seja mais “desenrolado”, que não seja complicado e que aja de maneira mais concisa, eles tentam sair superiores àqueles que os têm confrontado.

Vejamos como João Grilo comporta-se diante de algumas considerações feitas a seu respeito (op. cit., p.103-105):

PADEIRO: ladrão! Ladrão!

JOÃO GRILO: Ladrão é você, presidente da irmandade. Três dias passei em cima de uma cama, tremendo de febre. Mandava pedir socorro a ela e a você e nada. Até o padre que mandei pedir para me confessar não mandaram. E isso depois de passar seis anos trabalhando naquela desgraça!

PADEIRO: Ingrato, eu que nunca o despedi, apesar de todas as suas trapanças!

JOÃO GRILO: Nunca me despediu porque eu trabalhava barato e bem. Está aí o Padre João que o diga: qual era o melhor pão da rua, Padre João?

PADRE: O pão de João Grilo.

JOÃO GRILO: Está vendo? Ladrão é você, ladrão de farinha. Eu o que faço é me defender como posso.

BISPO: Afinal que barulhada é essa?

PADEIRO: Foi esse ladrão que vendeu um gato à minha mulher, dizendo que ele botava dinheiro, Senhor Bispo.

FRADE: Ra, ra! Essa foi boa!

PADEIRO: Boa? E é um frade que vem me dizer isso? É o fim do mundo.

BISPO: Não se incomode, trata-se de um débil mental.

PADEIRO: Faço minha queixa ao Senhor Bispo, na qualidade de presidente da Irmandade das Almas.

BISPO: Está recebida a queixa e vai ser apurado o fato, para denúncia à autoridade secular.

JOÃO GRILO: Não vai ser apurada coisa nenhuma, porque agora eu vou-me embora daqui. E sabem do que mais? Vão-se danar todos, sacristão, padeiro, padre, bispo, porque eu já estou cheio sabem?

(...)

JOÃO GRILO: É isso mesmo e façam o favor de não me irritar se não eu dou um tiro na cabeça de Chico!

Nesta cena, percebemos que, ao ser confrontado, o Grilo não admite sair perdendo, nem tampouco admite sua inferioridade, mas encara o comportamento de todos como uma afronta à sua "inteligência" e passa a mostrar-se como vítima.

Durante toda fala, mostra uma raiva incontrolável de todos os que estão lhe acusando, fazendo até ameaças, como percebemos ao dizer que não o irritem porque se não dá um tiro na cabeça de Chicó. Isso revela, subitamente, que não importa quem seja, ele faz o que for com qualquer um que passar no seu caminho.

Reconsiderar uma decisão ou ação, seria a última coisa que a se esperar de JG, mesmo porque, para ele, seus argumentos eram sempre superiores aos de todas as outras pessoas.

Paulo (Romanos 12:16) refere-se a pessoa orgulhosa e sábia aos seus próprios olhos, tratando-as como verdadeiros intransigentes do respeito para com o próximo, daí não ser aberta aos ensinamentos ou conselhos: "Tende o mesmo sentimento uns para com os outros; em lugar de serdes orgulhosos, condescendei com o que é humilde; não sejais sábios aos vossos olhos".

Como complemento, vejamos uma afirmação de Junior (2005):

O orgulho mostra-se no tratamento desdenhoso de pessoas "inferiores" (Lucas 18:9; Romanos 14:3). O orgulho pode levar certo destemor e excesso de confiança com respeito a tentação e pecado (Provérbios 14:6; Mateus 26:31-35; 1 Coríntios 10:12). O orgulho pode levar um professor a colocar-se como um modelo pelo qual os mestres devem ser julgados (2 Coríntios 10:12), o professor orgulhoso sempre ganhando perfeita pontuação, uma vez que ele próprio é o modelo.

João Grilo, com certeza, julgava-se mais do que realmente era. Para ele a sua inteligência estava acima de todos e de tudo, e menosprezava a capacidade dos outros. Depois de um elogio, enchia-se de presunção, reafirmando sua importância pessoal, usava a ironia e o deboche nas ocasiões de contendas como encontramos na cena seguinte, quando Chico acaba de contar uma das suas histórias a João (p.59), contrariando, mais uma vez, o que foi dito em Romanos 12:16:

CHICÓ: não sei, só sei que foi assim. Mas deixe de agonia, que o povo vem aí.

MULHER: Ai, ai, ai, ai, ai! Ai, ai, ai, ai, ai!

JOÃO GRILO (*mesmo tom*): Ai, ai, ai, ai, ai! Ai, ai, ai, ai, ai! (*dá uma cotovelada em Chico*)

CHICÓ (*obediente*): Ai, ai, ai, ai, ai! Ai, ai, ai, ai, ai!

Passemos a analisar um outro ponto bem interessante, referente ao comportamento característico de João Grilo.

Da mesma maneira que o orgulho, a arrogância aparece com manifestações diversas, das quais analisamos nos textos já citados. Contudo, cabe, neste contexto, fazer referência a todas as cenas do Auto da Compadecida, pelo fato de se considerar que o arrogante é cercado por uma nuvem negra de problemas que afetam todos aqueles que por uma infelicidade, estão ao seu redor. Portanto, distanciar-se dele é o que devemos fazer, portanto, percebemos que, desde o começo da peça até o fim, João é envolvido por esta nuvem.

Ela é uma mistura de tudo aquilo que já falamos, Wikipédia: "Arrogância é caracterizada pela falta de humildade para ouvir e aprender. É o orgulho excessivo, soberba, altivez, um excesso de vaidade pelo próprio saber ou sucesso", segundo a concepção cristã, "é um pecado capital que pode ser superado pela virtude da humildade, alcançável pelas orações à Deus e pelo esforço consciente do pecador".

Com isso, queremos trazer 10 pontos que caracterizam o caráter de João Grilo durante toda sua trajetória nas cenas da peça de Suassuna:

- Jamais se considera arrogante. Na opinião dele, apenas defende suas posições e princípios.
- Quando fracassa, a culpa é dos outros ou a sorte não o acompanhou.
- Reconhece um erro, o que é muito raro, mas justifica-o mentindo ou omitindo detalhes.
- Exige ser ouvido, mas não dá ouvidos à ninguém.
- Tem solução para os problemas alheios, mas jamais consegue resolver os seus.

- A sua palavra obrigatoriamente prevalece sobre qualquer outra.
- Crítica todos, porém desconhece o que seja autocrítica.
- É egoísta, mas exige solidariedade das pessoas.
- Considera-se o melhor amigo, o melhor conselheiro, o melhor filho, o melhor pai, o melhor marido, o melhor amante, o melhor profissional, o melhor sujeito e por isso raramente muda de atitude.
- O arrogante termina a vida se arrependendo tarde demais por tudo o que causou aos outros e à si mesmo.

Cada uma destas características retrata uma cena diferente atuada por João Grilo, tendo em vista sua grande perspicácia e capacidade de inventar situações que ele próprio acaba protagonizando. Em contrapartida, veremos a seguir, alguns versículos que se referem à pessoa de Jesus Cristo, antes mesmo dele vir ao mundo, visto que toda a Bíblia, tanto o VT como o NT, retratam tanto a vinda como a estadia de Jesus e seu comportamento nessa terra:

Não faleis mais palavras tão altivas, nem saia da vossa boca a **arrogância**; porque o Senhor é o Deus da sabedoria, e por ele são pesadas as ações. (1 Sm 2:3)

Por causa do teu furor contra mim, e porque a tua **arrogância** subiu aos meus ouvidos, porei o meu anzol no teu nariz e o meu freio na tua boca, e te farei voltar pelo caminho por onde vieste. (2 Rs 19:28)

Ali clamam, porém, ele não responde, por causa da **arrogância** os maus. (Jó 35:12)

Os ímpios, na sua **arrogância**, perseguem furiosamente o pobre; sejam eles apanhados nas ciladas que maquinaram. (Sl 10:2)

Emudeçam os lábios mentirosos, que falam insolentemente contra o justo, com **arrogância** e com desprezo. (Sl 31:18)

O temor do Senhor é odiar o mal; a soberba, e a **arrogância**, e o mau caminho, e a boca perversa, eu os odeio. (Pv 8:13)

Por isso acontecerá que, havendo o Senhor acabado toda a sua obra no monte Sião e em Jerusalém, então castigará o rei da Assíria pela **arrogância** do seu coração e a pomba da altivez dos seus olhos. (Is 10:12)

Quanto à tua terribilidade, enganou-te a **arrogância** do teu coração, ó tu que habitas nas cavernas dos penhascos, que ocupas as alturas dos outeiros; ainda que ponhas o teu ninho no alto como a águia, de lá te derrubarei, diz o Senhor. (Jr 49:16)

O sábio teme e desvia-se do mal, mas o tolo é **arrogante** e dá-se por seguro. (Pv 14:16)

Todo homem **arrogante** é abominação ao Senhor; certamente não ficará impune. (Pv 16:5)

Melhor é o fim duma coisa do que o princípio; melhor é o paciente do que o **arrogante**. (Ec 7:8)

Os **arrogantes** não subsistirão diante dos teus olhos; detestas a todos os que praticam a maldade. (Sl 5:4)

Em meio ao que foi manifesto, não nos faltam subsídios para vivenciarmos as grandes vitórias da vida, sem preocupações com o que há de vir, diferentemente do Grilo que vivia na ansiedade, na incerteza, na dúvida, no sufoco. Em verdade, passamos a nos deter nos

ensinamentos tão edificantes e esclarecedores que estão nos versículos bíblicos, sem falar que são cheios de uma vida abundante e, ao nos expormos, esta vida passa a transbordar nossa alma e espírito.

Semelhantemente a Jesus, devemos buscar, sempre, os esclarecimentos referentes ao nosso comportamento, para que possamos, a partir daí, conhecer mais precisamente nossas limitações, delimitando e subordinando nossos impulsos à paciência, calma, mansidão, sutileza e muitos outros atributos essenciais para um caráter reto.

2.10A ansiedade enraizada no Grilo

Através da perspectiva de algum sofrimento, incerteza do desconhecido, ameaças, perigo, e outros diversos fatores, manifestam sentimentos que fazem parte da natureza humana.

Segundo Queiroz (2003), “uma espécie de atributo da natureza humana que se manifesta para preservação de vida”. Estamos falando da ansiedade.

O estado de “pré-ocupação”, pode ser bem empregado aqui para melhor entendermos o estado de João Grilo diante das situações de risco, provenientes dos seus imprevistos e maquinações.

No fragmento seguinte, consideramos o estado de inquietação do personagem ao encontrar o major Antonio Moraes, pois havia contado ao padre que a sua cachorra estava doente (p. 40):

CHICÓ: O major Antonio Moraes vem subindo a ladeira. Certamente vem procurar o padre.

JOÃO GRILLO: Ave-Maria! Que é que se faz, Chico?

CHICÓ: Não sei, não tenho nada a ver com isso. Você, que inventou a história e que gosta de embulhada, que resolva.

Até as pessoas que parecem ser mais fortes, tem seus momentos de ansiedade e de insegurança. Podemos até, generalizar, de certa forma, a condição social e econômica de todo indivíduo, como ponto chave para o desenvolvimento da ansiedade:

- uma conta para pagar;
- consumismo (que é um fator predominante da ansiedade);
- uma reunião de negócios;
- uma prova na faculdade (quando se precisa de uma boa nota);
- participar de um campeonato, gincana, competição.

Interessante é, como a grandeza e segurança, transmitidas através das palavras expressas na Bíblia, corrompem a linha dos sentimentos e pensamentos humanos, contrapondo-se a toda expressão pública ou intrínseca dos mesmos.

Matues (6:19-21) inclui os ensinamentos de Jesus aos seus discípulos em relação aos bens materiais, mostrando a certeza e segurança que haviam dentro dele, já que o que ele pregava era o que vivia:

Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam; mas ajuntai para vós outros tesouros no céu, onde traça nem ferrugem corrói, e onde ladrões não escavam, nem roubam;

porque onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração.

De certo, a riqueza gera uma ansiedade sem controle pela acumulação de bens, pela insegurança e instabilidade das riquezas, pela crença mitológica no dinheiro, porque, de acordo com Queiroz (2003) “onde estiver o tesouro, aí estará também o coração do devoto. Quem ama o dinheiro não é somente aquele que o possui; há gente sem dinheiro cuja esperança está em algum dia possuí-lo”. JG enquadra-se totalmente neste perfil, o qual retrata a ansiedade gerada pelo desejo de ter e de possuir e o que ele queria, todo tempo, era: dinheiro.

Talvez ele não tivesse riquezas pelo fato de que não saberia administrá-lo se o tivesse, já que era muito orgulhoso, prepotente, mentiroso, vingativo, arrogante, falso e, principalmente, ansioso, pois o dinheiro passaria a ser uma arma poderosa ao unir-se com tais sentimentos. Mesmo assim, tudo na vida tem o seu tempo certo, tendo em vista a consciência real de que só conseguiremos algumas coisas na nossa vida quando estivermos verdadeiramente preparados para recebê-las.

Encerramos, portanto, este subitem, fazendo referência ao disse Salomão (Ec. 3:1-8), desencadeando um novo rumo à ansiedade, ultrapassando as barreiras do tempo e acreditando que, verdadeiramente, o tempo é aquele que trata de resolver todo e qualquer tipo de problema existente na face da terra:

Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu: Há tempo de nascer, e tempo de morrer; tempo de plantar, e tempo de arrancar o que se plantou; tempo de matar, e tempo de curar; tempo de derribar, e tempo de edificar; tempo de chorar, e tempo de rir; tempo de prantear, e tempo de saltar de alegria; tempo de espalhar pedras, e tempo de ajuntar pedras; tempo de abraçar, e tempo de afastar-se de abraçar; tempo de buscar, e tempo de perder; tempo de guardar, e tempo de deitar fora; tempo de rasgar, e tempo de coser; tempo de estar calado, e tempo de falar; tempo de amar, e tempo de aborrecer; tempo de guerra, e tempo de paz.

Por fim, ficamos sabedores de que, todos os aspectos aqui mencionados, são característicos àqueles que, por um motivo ou por outro, utilizam-se de artifícios para vencer os obstáculos da vida, aderindo e traduzindo muito bem, para a vida real, o comportamento do Grilo, e, conseqüentemente, deixando de lado o comportamento do Cristo, que seria a mais sensata decisão a se tomar.

3 Considerações Finais

Esta obra veio acrescentar subsídios de estudo e pesquisa, não apenas no âmbito coletivo psicossociocultural, numa ótica geral, mas também trazer grande contribuição nas diversas áreas que compõem o caráter humano. Tomamos como exemplos dessas áreas: os sentimentos, a vivência diária com as pessoas, o comportamento dentro de casa e, também, fora dela, as ações realizadas, a capacidade de pensar, de amar, dentre muitas outras.

Esmerar-se na mudança do temperamento é trabalhar para alcançar êxito na existência de qualquer ser humano. E alcançar êxito é, antes de tudo, ter as motivações corretas para acertar cada vez mais e errar

muito menos; é buscar o crescimento no que se refere ao espírito, alma e corpo; é não precipitar-se, deixando que a vida ofereça os momentos certos para agir na hora certa.

O confronto entre comportamentos adversos, faz com que retomemos posturas há muito esquecidas, e voltemos a uma posição de logicidade, de independência do “eu”, de fazer reflexões e nunca agir pelos impulsos, de avaliar as situações e embarcar por caminhos de integridade, corrigindo os erros do passado e apropriando-se da verdadeira identidade que nos pertence.

4 Referências

A falsidade. Disponível em <<http://www.angelfire.com/ok/evangelizador/falsidade.html>> Acesso em: 03 de jun. de 2006.

BACON, Francis. **Ensaio da vingança**. Disponível em: <<http://www.citador.pt/pensar.php?op=10&refid=200407190952>> Acesso em: 31 de maio de 2006.

BALMANT, Osmar. **Tirando forças da fraqueza**. José: da cova ao palácio. s. ed. São Paulo: CPAD, 1996.

BÍBLIA SAGRADA ELETRÔNICA. RK Soft. versão 26, s. ed. Copyright [c] 2002.

BUARQUE, Cristovam. **O preço da astúcia**. O Globo, nov. 2005. Disponível em: <http://www.mail-rchive.com/direitos_humanos@yahoogrupos.com.br/msg00864.html> Acesso em: 25/05/2006

BRANDÃO, Finéia. **Análise do caráter**. Disponível em: <http://www.orgonizando.psc.br/corporal/vertentes/vertente.htm>.> Acesso em: 06 abr. 2006.

CURY, Augusto Jorge. **Nunca desista dos seus sonhos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. 12. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

FERREIRA, Amauri Carlos. **Ensino religioso nas fronteiras da ética**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário Século XXI Escolar**. Coordenação de edição, Margarida dos Anjos, Marina Baird Ferreira; lexicografia. 4. ed. Ver. Ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 2001.

FILHO, Domício Proença. **A trajetória do negro na literatura brasileira**. Estudos avançados. Vol. 8 nº. 50. São Paulo, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100017#tx13>. Acesso em: 02 de jun. de 2006.

GOLEMAN, Daniel, Ph.D. **Inteligência emocional: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente**. s. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

GONÇALVES, Marlene Fagundes Carvalho. **Educação e caráter**. Jornal Verdade e Luz Nº 186, julho 2001. Disponível em:

<<http://pt.wikipedia.org/wiki/Car%C3%A1ter>. Acesso em 06 abr. 2006.

ISAÍAS. **Livro de Isaías**. 740-680 a.C. Bíblia de estudos Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

JEREMIAS. **Livro de Jeremias**. 627-585 a.C. Bíblia de estudos Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

_____. **Segundo livro dos reis**. 550 a.C. A Bíblia Anotada. Versão Almeida, revista e atualizada. Com introdução, esboço, referências laterais e notas por Charles Caldwell Rie, Trad. Carlos Oswaldo Cardoso Pinto. São Paulo: Mundo Cristão, 1994.

JOÃO. **Evangelho segundo João**. 85-90 A.D. A Bíblia Anotada. Versão Almeida, revista e atualizada. Com introdução, esboço, referências laterais e notas por Charles Caldwell Rie, Trad. Carlos Oswaldo Cardoso Pinto. São Paulo: Mundo Cristão, 1994.

_____. **Apocalipse**. 90 A.D. Bíblia de estudos Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

JR, L. A. Mott. **Pérolas dos provérbios: orgulho**. Disponível em: <<http://www.estudosdabiblia.net/2000127.htm>>. Acesso em: 02 de jun. de 2006.

LEVI, Mateus. **Evangelho segundo Mateus**. 60-70 A.D. A Bíblia Anotada. Versão Almeida, revista e atualizada. Com introdução, esboço, referências laterais e notas por Charles Caldwell Rie, Trad. Carlos Oswaldo Cardoso Pinto. São Paulo: Mundo Cristão, 1994.

_____. **Evangelho segundo Mateus**. 60-70 A.D. Bíblia de estudos Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

LAHAYE, Tim. **Temperamento controlado pelo Espírito**. Trad. Hélcio Veiga Costa. 13. ed. São Paulo: Loyola, 1988.

LIMA, João Ferreira de. **Proezas de João Grilo**. Literatura de cordel. Fortaleza: Tupynanquim, Ban gráfica, 2000.

MOISÉS. **Gênesis**. 1450-1410 a.C. Bíblia de estudos Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

_____. **Levítico**. 1450-1410 a.C. Bíblia de estudos Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

PAULO. **1 Coríntios**. 56 A.D. Bíblia de estudos Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

_____. **Gálatas**. 49 ou 50 A.D. A Bíblia Anotada. Versão Almeida, revista e atualizada. Com introdução, esboço, referências laterais e notas por Charles Caldwell Rie, Trad. Carlos Oswaldo Cardoso Pinto. São Paulo: Mundo Cristão, 1994.

_____. **Gálatas**. 49 ou 50 A.D. Bíblia de estudos Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999. p.271-279.

_____. **Romanos**. 58 A.D. A Bíblia Anotada. Versão Almeida, revista e atualizada. Com introdução, esboço, referências laterais e notas por Charles Caldwell Rie, Trad. Carlos Oswaldo Cardoso Pinto. São Paulo: Mundo Cristão, 1994. p.1408-1431.

QUEIROZ, Carlos. **Ser é o bastante: felicidade à luz do sermão do monte**. Curitiba: Encontro, 2003. p.163-165.

SALOMÃO; OUTROS. **Livro de Provérbios**. 950-700 a.C. A Bíblia Anotada. Versão Almeida, revista e atualizada. Com introdução, esboço, referências laterais e notas por Charles Caldwell Rie, Trad. Carlos Oswaldo Cardoso Pinto. São Paulo: Mundo Cristão, 1994.

SALOMÃO; **Livro de Eclesiastes**. 935 a.C. A Bíblia Anotada. Versão Almeida, revista e atualizada. Com introdução, esboço, referências laterais e notas por Charles Caldwell Rie, Trad. Carlos Oswaldo Cardoso Pinto. São Paulo: Mundo Cristão, 1994.

SAMUEL; OUTROS. **Primeiro livro de Samuel**. 930 a.C. A Bíblia Anotada. Versão Almeida, revista e atualizada. Com introdução, esboço, referências laterais e notas por Charles Caldwell Rie, Trad. Carlos Oswaldo Cardoso Pinto. São Paulo: Mundo Cristão, 1994.

SANTOS, José Eduardo Ferreira dos. **A expressão de nossa senhora na cultura brasileira**. Passos nº 44, out. 2003. Disponível em: <<http://www.catolicanaet.com.br/sitepassos/paginarv.asp?cod=88&tipo=0>> Acesso em: 06 de abr. 2006

SUASSUNA, Ariano. **Auto da compadecida**. 34. ed, 14. imp. Rio de Janeiro: Agir, 2004.

WIKIPÉDIA. **A enciclopédia livre**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Car%C3%A1ter>>. Acesso em: 25 de maio de 2006.

_____. **Virtude**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Virtude>> Acesso em: 07 de jun. de 2006.